

NARRANDO MINHAS VIVÊNCIAS: RELATO DE EXPERIÊNCIA NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM GEOGRAFIA ENSINO FUNDAMENTAL II

Bruna Souza Silva

brunasouzasilva01@hotmail.com¹

Resumo

Narrar sobre si, é contar suas experiências, suas vivências e poder se autocriticar. Nesse trabalho apresento as experiências do Estágio Supervisionado em Geografia no Ensino Fundamental II, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Departamento de Ciências Humanas, Campus V. Utilizo do método narrativo para apresentar meu trilhar no estágio, com um olhar crítico para o Estágio Supervisionado, a contribuição que este traz para a formação docente do licenciando, que precisará ensinar uma Geografia renovada. O objetivo desse trabalho é refletir a cerca da regência formal de classe, no período do Estágio Supervisionado em Geografia Ensino Fundamental II, a fim de apresentar considerações pertinentes sobre a prática educativa do estágio para a formação de futuros profissionais educadores. Assim, com os resultados obtidos no estágio, apresento reflexões e questionamentos sobre o ser docente, o ensino de Geografia que queremos e uma percepção que podemos contribuir para a formação de um mundo melhor.

Palavras-chave: Estágio Supervisionado, Ensino de Geografia, Formação Docente.

Introdução

O estágio supervisionado é o espaço de prática do estudante, momento de relacionar a teoria aprendida na universidade com a prática do ambiente escolar. Quando os estudantes chegam a esse nível do curso, em alguns momentos gera a dúvida se está realmente preparado seja no sentido físico, psicológico, intelectual, enfim para ensinar os estudantes de forma que eles consigam aprender. Ensinar não é uma tarefa fácil, necessita dedicação, um olhar humano e cuidadoso.

O ensino da Geografia é fundamental para o ensino escolar, ensinar sobre a formação do espaço geográfico, sobre o meio físico-natural, espaço urbano e rural, populações,

¹ Licencianda em Geografia, na Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Departamento de Ciências Humanas, Campus V, Santo Antônio de Jesus. Este trabalho é fruto do Estágio Supervisionado em Geografia no Ensino Fundamental II, o meu agradecimento a todos (as) que participaram desse processo.



globalização, entre diversos assuntos que a Geografia apresenta é primordial para a construção do saber crítico do estudante e é dever essencialmente do professor de Geografia. Nesse trabalho apresento as experiências do Estágio Supervisionado em Geografia no Ensino Fundamental II, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Departamento de Ciências Humanas, Campus V, semestre 2018.2. O Estágio Supervisionado aconteceu em uma turma do 9º ano, no Colégio Estadual Renato Machado, localizado na cidade de Santo Antônio de Jesus, no Território de Identidade Recôncavo, na Bahia.

O objetivo desse trabalho é refletir sobre a regência formal de classe, no período do Estágio Supervisionado em Geografia Ensino Fundamental II, a fim de apresentar considerações pertinentes sobre a prática educativa do estágio para a formação de futuros profissionais educadores.

Ao apresentar as experiências e reflexões do estágio, me coloco como sujeito desse processo e passo a narrar minhas histórias, tecendo assim as minhas vivências que resultam em aprendizados de um momento de prática no laboratório da sala de aula. A “abordagem (auto)biográfica ou biográfico-narrativa que imprime a organização da trajetória pessoal e profissional, a reflexão sobre as práticas, a construção de novos conhecimentos” (SOUZA, M; CABRAL, C. 2015, p. 151), é a metodologia utilizada para minhas escrituras, onde realizei meu primeiro contato com a sala de aula e me fez refletir muito sobre a educação que temos e a docente que desejo ser.

O narrar e o viver são cartografias sem fronteiras, onde o humano constitui suas mais diversas expressões, onde suas histórias se constroem com suas mais astuciosas artimanhas. A vida se compõe de arquiteturas surpreendentes e inacabadas. [...] A narrativa nunca é neutra. Constrói-se dialogando e estruturando concepções de mundo, anunciando significados, definindo desejos, buscando compreensões. Ela faz os saberes e as experiências de vida se comunicarem, firmando espaços de solidariedade, fundamentais para continuidade da história (REZENDE, 2006, p. 10).

Utilizando da narração descrevo minhas atividades realizadas no estágio e conto como foi minha primeira experiência em uma sala de aula, na oportunidade reflito muito sobre o que a universidade ensina nas Práticas de Ensino e o que se efetiva no Estágio Supervisionado. Escrever sobre si, não é fácil, pois é necessário uma autocrítica, onde preciso enxergar minhas fraquezas e pensar possibilidades de sucessos futuros. Tecer a história de si mesmo é aprender com a prática, e no estágio temos uma mão a mais, a do supervisor que ajuda a tecer essa

história, e construir a história do futuro docente, daquele que vai ajudar a construir o futuro através do pensamento de milhares de estudantes.

O futuro não é uma província histórica mais além do hoje à espera de que lá cheguemos um dia ... O futuro nasce do presente, de possibilidades em contradição, do embate travado pelas forças que dialeticamente se opõem. O futuro é problemático e não inexorável. (FREIRE, 2000, p.125-126).

Para termos uma sociedade que pense criticamente, com consciência política, cidadãos que veja possibilidades e condições de vida melhor, implica em ensinar e estimular para isso, e o professor faz parte desse processo. Contudo, a formação docente necessita acompanhar esse ritmo, é necessário cada vez mais que essa formação seja libertadora, para que tenhamos profissionais capazes de formar estudantes críticos e para isso a ciência geográfica contribui significativamente.

Caracterização da escola e sua localização

O campo de estágio que atuei foi uma escola que tem uma boa estrutura apesar de não ser uma das melhores e mais acessíveis, pois para deficientes físicos não é adaptada. Ao entrar na escola, encontramos uma sala que fica separada de toda estrutura da escola e ali estuda a maioria dos estudantes indisciplinados e repetentes, se observa um processo de exclusão, dificultando o ensino-aprendizado. A escola tem refeitório, com algumas mesas, quadra de esportes, uma área com bancos, banheiros, o básico a escola oferece.

A sala, especificamente a que estagiei, tem cadeiras e mesas para os estudantes e professores, um quadro utilizável, quatro ventiladores, tomadas, apenas a porta que não fechava. A escola disponibilizava de *data show* e *notebook* para as aulas com agendamento prévio, pois só tinha dois aparelhos de cada para toda a escola, mas tinha mapas e outros materiais didáticos relacionados à Geografia.

A escola está localizada em um bairro que segundo os professores, já se considera perigoso, com alto índice de violência e tráfico de drogas. Nas proximidades tem dois pontos de ônibus em uma praça, onde os estudantes esperam o transporte público escolar para ir e vir à escola, a localização é boa. Na frente da escola tem lugares para estacionamento também.

Entrecruzando conceitos e narrando meu Estágio



O ensino-aprendizagem sempre caminham interligados, e no âmbito da ciência geográfica, que se analisa o espaço geográfico não se pode pensar em aulas apenas tradicionais, sem relações com o espaço de vivência e relações com o período atual.

Para ter eficácia, o processo de aprendizagem deve, em primeiro lugar, partir da consciência da época em que vivemos. Isto significa saber o que o mundo é e como ele se define e funciona, de modo a reconhecer o lugar de cada país no conjunto de planeta e o de cada pessoa no conjunto da sociedade humana. É desse modo que se podem formar cidadãos conscientes, capazes de atuar no presente e de ajudar a construir o futuro. Por isso, longe da ambição, que, aliás, escapa à nossa competência de fornecer um formulário de técnicas de ensino ou um programa pedagógico acabado, preferimos empreender uma tentativa de reconhecimento dos aspectos principais de nossa época, alinhamos fatos e problemas que a caracterizam e que, por isso mesmo, devem fazer parte de um plano de estudos que leve em conta a modernidade, sua realidade concreta e sua existência sistêmica (SANTOS, 1994, p. 121).

No planejamento escolar, muito relevante é o período em que se vive, pois os estudantes estão cheios de informações midiáticas, através das diversas tecnologias, e muitas das vezes essas informações não são discutidas com os estudantes de forma crítica, para que possam transforma-se em conhecimento. A necessidade do professor de Geografia discutir os conteúdos relacionando a realidade dos estudantes é grande, pois quando se apresenta de forma clara e exemplificada o estudante conseguiu associar a teoria com a prática e aprender.

A época que se vive é essencial para acompanhar os fatos geohistóricos e relacionar os diversos conteúdos. Em períodos que são negados vários direitos aos professores e estudantes são necessários o despertar crítico dos estudantes para as diversas realidades. Para além da associação com a época vivenciada, é necessário correlacionar à realidade do estudante, pois pouco é válido apresentar um conteúdo ao estudante, que ele não conhece, nem tem noção de como seja, sem correlacionar com sua realidade para facilitar a compreensão. Assim, o planejar é essencial para a eficácia do ensino-aprendizagem.

Trilhei meu período de estágio com um total de 23 aulas, distribuídas em 3 aulas de observações, 2 aulas de coparticipação e 18 aulas de regência. Durante esse período os conteúdos que seriam ensinados por mim era o Continente Asiático, esse já foi um dos meus grandes desafios, pois não me sentia preparada para ensinar esses conteúdos e para, além disso, um assunto extenso para ser ensinado em 18 aulas.

Para o professor iniciante, é difícil estabelecer relação entre os conhecimentos teóricos recebidos na universidade e a prática diária que se apresenta no

contexto de trabalho. Esse fato reforça a necessidade de que os cursos de formação de professores promovam a articulação entre a formação teórica acadêmica e os conhecimentos oriundos da cultura escolar (MARTINS e TONINI, 2016, p.101).

Foi no momento do estágio que tive o meu primeiro contato com a sala de aula e pude perceber um pouco o que é ser professor, o que é ensinar. É muito difícil para nós iniciantes estabelecer a relação entre os conteúdos e ensinar de forma crítica e didática para o estudante. E nesse momento entrou o papel do Estágio Supervisionado, onde tive o acompanhamento da docente supervisora que me ajudou a encontrar caminhos para percorrer o estágio. A formação docente acontece passo a passo teoricamente na universidade, mas na prática o campo do estágio é essencial.

[...] a produção de saberes a partir da prática não é um processo linear, pois envolve reflexão, análise, problematização, assim como o enfrentamento de dúvidas e incertezas. Trata-se do movimento dialético do conhecimento, que compreende o momento da ação (prática constituída), da reflexão (apoiada em princípios teóricos reelaborados) e da ação refletida (prática modificada). Na situação de estágio, esse movimento ocorre quando o estagiário, ao interagir com a dinâmica de sala de aula e enfrentar os desafios do cotidiano escolar, reconsidera a teoria, não para confirmá-la, mas para confrontar seus fundamentos com a realidade histórica, cultural e social. (MIRANDA, 2008, p. 16).

O espaço do estágio para mim foi um dos momentos de maior reflexão na universidade, me questionava o tempo inteiro se era isso que eu queria. Comecei a observar os estudantes e vê toda aquela agitação da turma, falta de interesse, entre diversas situações e refletia sobre a necessidade de um olhar sensibilizado para eles e sobre a realidade social, econômica, cultural e histórica desses estudantes. Mas por outro lado eu precisava me confrontar com a teoria, com os conteúdos para serem ensinados e ir construindo a minha formação docente.

Durante o período de observação das aulas do regente da turma, percebi que a relação do professor com os estudantes era boa, o professor é bastante tranquilo e atencioso. Os estudantes gostam muito do professor, tanto que quando ele me apresentou como estagiária da turma, eles questionaram se o professor iria sair e falaram - “Se o professor sair, eu saio junto”; “Professora, sua pressão é baixa? Por que se for, nem fique, a senhora não vai aguentar com essa turma.”.

Diante do observado da relação professor-estudante, começo a questionar-me o por que dessas falas dos estudantes? Por que os estudantes gostam tanto do professor? Por que não



aceitar uma estagiária que chega para contribuir com a aprendizagem dos estudantes? Assim, continuo na busca de respostas para minhas inquietações. Uma das hipóteses de resposta levantadas para os questionamentos que me fiz ao longo das observações é sobre o jeito de ser e ensinar do professor. Por que além, de ser calmo, tranquilo, atencioso, ele seguia em um ritmo tranquilo com os estudantes, sem muita cobrança, os prazos eram bem flexíveis, entre outros benefícios que os estudantes recebiam.

Em diálogos com o professor, notei um profissional cansado, sem muito entusiasmo para realizar metodologias renovadas, um profissional que foi transferido para o Ensino Fundamental, porém não gosta muito desse público. Ainda levando em consideração uma turma desinteressada e de personalidades difíceis.

Conversamos bastante também sobre o comportamento dos estudantes, ele me disse que é uma turma muito difícil, a maioria não tem pai, alguns não se entendem com as mães, alguns são usuários de drogas, outros têm problemas familiares devido a sua opção sexual, outros ainda têm problemas mentais, é uma turma muito indisciplinada e desmotivada.

Quando assumi a turma para as aulas de estágio, durante minha prática, utilizei vários recursos, o principal foi o livro didático, mas para além dele utilizei jornais, cartazes, *slides*, mapas, imagens, quadro branco, entre outros. Ao refletir sobre o uso do *slide* e imagens, observei que os estudantes gostaram, pois correlacionando eles passaram a compreender melhor o conteúdo e um ponto positivo para eles foi que não precisaram copiar. Porém, na Universidade somos ensinados que precisamos, principalmente para os estudantes do Ensino Fundamental, copiar no quadro para que eles possam assimilar melhor o conteúdo. Enquanto estudante em formação, para futura professora, reconheço essa necessidade do estudante copiar, fazer atividades críticas que despertem o conhecimento, utilizar as diversas linguagens para o ensino da Geografia, um leque de possibilidades que enriquecem o ensino-aprendizado. Mas como fazer tudo isso, em uma sala totalmente desestimulada? Como chegar à sala de aula para um estágio, sem viver a escola e dizer para os estudantes que necessitam sim fazer atividades e outra série de coisas, sendo que eles não têm esse ritmo de aprendizagem?

Nós estudantes de licenciatura que vamos para o estágio, chegamos à escola como um corpo estranho e saímos mais estranhos ainda, em alguns casos. A minha experiência, por exemplo, cheguei a uma turma que não me recebeu bem, não aceitava os métodos que utilizava, os estudantes contavam os dias ansiosos para eu não ir mais a escola. Toda essa revolta

começou, no momento em que eu comecei a copiar, passava atividades para serem corrigidas na sala e dar vistos valendo nota, passei um trabalho, que necessitava dedicação para fazer e as atividades tinham prazos. Os estudantes não estavam acostumados a serem ensinados e cobrados, com isso, eles não aceitavam essa realidade e muito menos a minha presença na sala.

O estágio é um momento fundamental para o licenciando, pois é o laboratório que se vive para aperfeiçoar os métodos de ensino.

O estágio curricular é o momento em que o estudante, futuro professor, não apenas põe em prática o que foi discutido nas aulas de formação de professores, mas um momento de aperfeiçoamento de suas técnicas. Deve ter a finalidade de integrar o processo de formação do aluno, de modo que se considere seu campo de atuação como base de análise, de investigação e interpretação crítica da realidade escolar. Assim, o estágio supervisionado passa a ser um momento durante a formação de estudantes e futuros professores, o qual os futuros profissionais podem ter um primeiro contato com a profissão e a realidade. Neste caso, o estágio servirá como um meio de introduzir o aluno de Geografia à pesquisa escolar (MONTEIRO e SILVA, 2015, p. 20 e 21).

Esse momento é essencial para o licenciando, um dos pontos positivos é a presença de um professor orientador, pois quando o licenciando passa por momentos difíceis no estágio, tem o professor para lhe ajudar a encontrar estratégias que solucionará os problemas. Essa introdução à pesquisa escolar geográfica é um momento muito desafiador, pois é preciso ensinar o estudante de forma que ele aprenda, porque estamos na escola exercendo a função do professor regente. O estágio é um momento desafiador, de reflexões e análises do saber ensinar Geografia, do avaliar o estudante, das relações professor-estudante, entre outros elementos.

A prática do estágio como instrumentalização técnica, na qual o futuro profissional aprende durante esse período novas técnicas as quais ele mesmo irá desenvolver. Nessa perspectiva, a atividade de estágio fica reduzida à hora prática, ao “como fazer”, às técnicas a serem empregadas em sala de aula, ao desenvolvimento de habilidades específicas do manejo da classe, ao preenchimento de fichas de observação, diagramas, fluxogramas (PIMENTA E LIMA, 2004, p.34).

Assim, o estágio é a concretização de todas as técnicas e teorias aprendidas, é o momento de usar a teoria na prática e aperfeiçoar as habilidades do ensinar. Assim, os licenciandos vão para o estágio colocar em ação todo o planejado e aprendido durante as Práticas de Ensino.



Porém, nem sempre a prática de ensino da universidade apresenta a realidade escolar e é um susto para o licenciando ao conhecer, é desestimulante ao estudante em formação que teve uma prática, “muito mais teórica, do que prática” chegar pela primeira vez em uma sala de estágio e descobrir que todo aquele mundo belo e encantador da sala de aula, é apenas um conto de fada. A prática de ensino contribui de forma imensurável para a formação do professor, no sentido de apresentar um livro didático, aprender a usar as diversas linguagens, aprender um pouco sobre o que é a escola, aprender a construir um plano de aula e sequência didática, entre outros pontos significativos. Mas falha ao não aprofundar na construção dos planos de aula e sequências didáticas, planos de unidades e planos de cursos, micro aulas e ao não apresentar a escola como um lugar desafiador, diversas realidades dos estudantes, diversas realidades escolares, violência na escola (destaco a falha da Prática de Ensino que vivenciei no meu curso). Um exemplo, na universidade os professores nos falam muito que precisamos trabalhar com as diversas linguagens como uma forma de despertar os estudantes para o conhecimento, mas em muitas realidades isso não se aplica.

No meu período de regência tive a oportunidade de usar algumas linguagens geográficas como a cartográfica, a imagética, a midiática, o jornal, mas nem sempre tive um bom êxito. Nos momentos da aula que o professor utiliza a linguagem cartográfica, é necessário contextualizar e apresentar a importância desse conhecimento para os estudantes, pois a ciência que eles estão estudando trabalha o espaço e localizar-se é essencial. Mesmo sem a consciência deles o professor necessita encontrar estratégias para sensibilizá-los a utilizar as referências cartográficas corretas.

Fundamental para o ensino de Geografia, a Cartografia tornou-se importante dispositivo metodológico na educação contemporânea, tanto para que o aluno tenha a capacidade de analisar o espaço em que vive quanto para atender às necessidades do seu dia-a-dia. Por meio dessa linguagem, torna-se possível realizar a síntese de informações, como também representar. (COSTA e LIMA, 2012, p.109).

Então, começar apresentando a cartografia para o estudante a partir do seu lugar é uma possibilidade de sensibilizar e atrair para o aprendizado, mas essa necessidade começa com um trabalho de base para as séries iniciais, para assim quando chegar no 9º ano, essa cartografia possa ser trabalhada em uma escala maior, atingindo as necessidades de compreensão dos continentes.

A criança também é *educada pela mídia*, principalmente pela televisão. [...] A mídia continua educando como contraponto à educação convencional; ela educa enquanto estamos entretidos. A escola precisa *compreender e incorporar mais as novas linguagens*, desvendar os seus códigos, dominar as possibilidades de expressão e as possíveis manipulações (MORAN, 2007, p. 20, apud PAVANI, et al, 2007, p. 20).

A mídia hoje pode ser uma aliada do professor, como também desconstruir todo seu trabalho, vai depender de como usar. Durante o estágio percebi que alguns estudantes se interessavam por algumas aulas que tinham notícias midiáticas e eles consultavam na internet a resposta das atividades que valiam nota. Isso representa, que para alguns a internet não é apenas um meio de acessar para jogos, assistir séries, *whatsapp*, entre outras coisas, mas é um recurso de estudo também.

Porém, para os estudantes a nota vale mais do que o conhecimento, eles não se conscientizaram que o conhecimento é essencial e necessário para diversas atividades realizadas, até mesmo no mundo do trabalho, que é a única esperança de alguns. Então eles copiavam as respostas iguais estavam nos *sites* da internet, não reescreviam as respostas.

Ciente da manipulação da mídia, principalmente no momento atual que vivemos, das informações que os estudantes veem nos diversos programas de televisão e jornal e para além disso, o conteúdo que estava trabalhando (continente asiático) ser sempre uma atualidade, por frequentemente está saindo manchetes, elegi o jornal como uma linguagem fundamental para ser trabalhada na sala de aula. Então utilizei manchetes para complementar a explicação do conteúdo, com fins de provocar os estudantes a discussões e mostrar o outro lado dos fatos que a mídia não mostra, despertando um senso crítico.

Uma das avaliações dos estudantes foi a confecção de um jornal, onde eles tiveram um tema para discutir, foi um trabalho em grupo, também expliquei como fazer um jornal, teve aula de orientação e o trabalho foi passado quinze dias antes da primeira apresentação. Porém, das seis equipes de trabalho, apenas três fizeram e nem todas apresentaram, a atividade que planejei com tanto amor e entusiasmo, não deu certo.

Assim, o ato de planejar é essencial e ter o famoso plano B é fundamental, pois em um momento como esse, se eu não estivesse preparada para explicar o conteúdo, o que faria com a turma? A ideia inicial era proporcionar aos estudantes leituras e confeccionar um jornal, sendo que a apresentação foi de livre escolha. Posterior às apresentações dos estudantes, iria abrir para



a turma fazer comentários, eu iria fazer também os comentários do trabalho e iríamos debater sobre os conteúdos, pois são atualidades, sempre passam manchetes nos jornais que os estudantes assistem na televisão, são conteúdos que a maioria das pessoas sabem falar alguma coisa. E com base nesse diálogo, eu iria mediando essas informações, para que pudessem se transformar em conhecimento, mas infelizmente não deu certo.

Volto a questionar as Práticas de Ensino da Universidade, pois lá nós aprendemos que devemos fazer isso, planejar aulas com o uso de diversas linguagens que vamos encantar os estudantes e conseguir mediar aulas produtivas. Mas na prática da realidade escolar, isso pouco se efetiva. Não é regra, porque se sabe que a depender da escola, da localização, do nível de ensino, esse público vai mudar, porque vai interferir nas famílias, no poder aquisitivo dos estudantes, na alimentação dos mesmos e uma série de outros fatores. Mas como fica o ensino para essa população mais carente? Para essa população que é excluída e levada para a margem da sociedade? Por que continuar negando uma educação de qualidade para esses sujeitos? Se eles são desestimulados, não tem responsabilidade com as atividades, eles não são simplesmente os culpados, tem uma série de fatores para serem analisados.

Com isso, temos o outro lado da história que é o professor, principalmente se for o estagiário que não tem a vivência escolar e não conseguiu criar laços afetivos e de respeito com os estudantes em apenas dois meses. Quando dizemos que o estudante sofre uma agressão com certas atitudes do professor, esse também sofre agressões no relacionamento com o estudante.

Assim, nesse processo de formação docente de Geografia “Espera-se que a licenciatura desenvolva nos alunos conhecimentos e habilidades, atitudes e valores que lhes possibilitem permanentemente irem construindo seus saberes-fazer docentes, a partir das necessidades e desafios que o ensino como prática social lhes coloca no cotidiano” (PIMENTA, 2002, p. 18). Ciente que só a prática irá aprimorar minha formação docente, sigo em busca de cada vez mais poder ensinar melhor e passar os conhecimentos geográficos de forma crítica e abrangedora da realidade.

Considerações finais

Todo processo escolar é um aprendizado, as experiências nos traz pontos positivos e negativos para reflexões que irão contribuir significativamente para o ser professor. O estágio é um momento ímpar para conhecer a realidade escolar e para, além disso, tem o orientador que nos ajuda nesse momento que muitas das vezes causa estranhamento.

O Estágio do Ensino Fundamental II foi o meu primeiro momento de ensinar, não foi um momento fácil, no início muitas lágrimas foram derramadas, meu desespero foi maior do que a confiança que tinha em mim foi frustrante meu estágio. Mas a minha vontade de contribuir para o aprendizado daqueles estudantes me fez seguir. Acredito que posso fazer muito pela educação, todas essas vivências me fez ter outro olhar, a pensar outras formas de ensinar e ao está escrevendo sobre minha prática me motivo e surge essa vontade de ir mais longe, diante de tantas desilusões.

O novo paradigma educacional exige uma mudança interna no papel do professor, que não é mais aquele que transmite conhecimentos mas aquele que é capaz de ensinar aos alunos que é capaz de ensinar aos alunos o que eles precisam saber para melhor viver. O novo papel do professor é fazer com que seus alunos aprendam além da escola, e, para serem bons aprendizes ao longo da vida, os alunos devem ser capazes de organizar e controlar seu próprio aprendizado, de aprender sozinhos ou em grupos, e de superar as dificuldades no processo de aprendizagem. Isso requer que tenham consciência de suas próprias opiniões, estratégias de aprendizagem e métodos. O papel do professor passa a ter uma grandeza ainda maior, penso eu, e exige maior capacitação (LOSITO, 2007, p. 93, apud PAVANI, et al, 2007, p. 93).

O professor precisa ensinar os estudantes para além dos conteúdos escolares, mas ensinar para a vida. Ao realizar atividades, propor ações, refletir que para além do conteúdo, o meu fazer estará contribuindo para esse estudante? Aprendi muito no meu estágio ao ir ensinar os estudantes e eles não me aceitarem, com isso eu passei a refletir sobre o lado sociocultural dos estudantes, ao processo de formação deles, a vivência familiar e uma série de elementos que contribuem para esse comportamento dos estudantes.

Contudo, concluo com a certeza que o campo do Estágio Supervisionado é o espaço essencial para a formação docente e que para, além disso, só o cotidiano escolar poderá formar esse ser professor capaz de ensinar para um mundo melhor. A Geografia cumprirá seu papel quando for bem ensinada e esse ensino será prazeroso quando os docentes conseguirem mostrar para os estudantes essa aplicação no seu cotidiano, então que busquemos ansiosos uma formação docente de qualidade e demos o nosso melhor.

Referências

COSTA, Franklin Roberto da; LIMA, Francisco de Assis Fernandes. **A linguagem cartográfica e o ensino-aprendizagem da Geografia: algumas reflexões.** Geografia Ensino & Pesquisa, v. 16, n.2 p. 105 - 116 maio/ago. 2012.



FREIRE, Paulo. Denúncia, anúncio, profecia, utopia e sonho. In: **Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: UNESP, 2000, p.117-134.

MARTINS, Rosa Elisabete Militz W.; TONINI, Ivaine Maria. **A importância do estágio supervisionado em Geografia na construção do saber/fazer docente**. Geografia, Ensino & Pesquisa, Vol. 20, 2016, n.3, p. 98-106.

MIRANDA, M. I. Ensino e pesquisa: o estágio como espaço de articulação. In: MIRANDA, M. I.; SILVA, L. C. (Org.). **Estágio supervisionado e prática de ensino: desafios e possibilidades**. Araraquara, SP: Junqueira&Marin; Belo Horizonte, MG: FAPEMIG, 2008. p.15-36.

MONTEIRO, Jéssica de Sousa; SILVA, Diego Pereira da. **A influência da estrutura escolar no processo de ensino-aprendizagem: uma análise baseada nas experiências do estágio supervisionado em Geografia**. Geografia Ensino & Pesquisa, v. 19, n.3, p. 19-28, set./dez. 2015.

PAVANI, Cecília; JUNQUER, Ângela; CORTEZ, Elizema. **Jornal: Uma abertura para a educação**. Campinas – SP, Papirus, 2007.

PIMENTA, Selma Garrido. Formação de Professores: identidade e saberes da docência. In: PIMENTA, Selma Garrido (Org.). **Saberes pedagógicos e atividade docente**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2002. p. 15-34.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e Docência**. São Paulo: Cortez, 2004.

REZENDE, Antonio Paulo Rezende. Viver e Narrar. In: ASSIS, Nancy Rita Sento Sé de e MAGALHÃES, Felipe Santos (Org.). **Seminário Cultura, Memória e Sociedade**. Salvador: EDUNEB, 2006.

SANTOS, Milton. **Técnica, espaço e tempo: globalização e meio técnico-científico informacional**. São Paulo: Hucitec, 1994.

SOUZA, Maria Goreti da Silva; CABRAL, Carmen Lúcia de Oliveira. **A narrativa como opção metodológica de pesquisa e formação de professores**. Horizontes, v. 33, n. 2, p. 149-158, jul./dez. 2015.